

# Sudário: relíquia verdadeira ou falsificação medieval?

A maior ignorância é a que não sabe e crê saber, pois dá origem a todos os erros que cometemos com nossa inteligência. (SÓCRATES).

O assunto a respeito do Sudário, volta e meia, aparece na mídia. Como a sua veracidade ainda não foi cientificamente comprovada, a dúvida persegue os líderes religiosos que possuem interesse específico no caso, embora, para alguns deles, seja uma peça absolutamente verdadeira, já que, conforme pensam, é a mesma que envolveu o corpo de Jesus.

Essa peça de linho branco, medindo 4,30 m de comprimento por 1,10 m de largura, é atualmente propriedade do Vaticano, que, diga-se de passagem, prudentemente não a reconhece como prova material de qualquer milagre, deixando para a Ciência atestar se é ou não autêntica.

Em 1988, laboratórios internacionais nos EUA, Inglaterra e Suíça, após o teste do "Carbono 14", estimaram que essa peça teria menos de 700 anos. Foi um baque para os que acreditavam na sua veracidade. Mas, a coisa não parou por aí, pois o resultado do teste foi contestado, voltando tudo a estaca zero.

Não é raro encontrarmos estudiosos, pesquisadores e exegetas que, categoricamente, afirmam ser o Sudário uma fraude medieval, como, por exemplo, Jeff Nisbet e James D. Tabor:

[...] Pode-se considerar que o Sudário de Turim, recentemente **desacreditado como uma fraude medieval**, fosse não obstante uma imagem fotograficamente "negativa". No seu livro de 1994 sobre o Sudário, Picknett e Prince chegam a ponto de sugerir que a relíquia foi criada fotograficamente por ninguém mais do que Leonardo da Vinci. (NISBET, 2008, p. 157-165). (grifo nosso).

Nossa equipe voltou para os Estados Unidos alguns dias depois e, com uma permissão dada apressadamente para sua exportação com fins científicos, pôde levar uma amostra do precioso tecido para o Laboratório de Espectrometria e Acelerador de Massa da Universidade do Arizona, Tucson, para datada pelo carbono-14. Fora esse mesmo laboratório que, em 1988, datara o "Sudário de Turim", de 1.300 d.C., **revelando-o uma falsificação da época medieval**. [...] (TABOR, 2006, p. 23-24). (grifo nosso).

Até hoje não se tem nada, em definitivo, que possa assegurar que se trata mesmo de uma peça verdadeira. É por isso que esse assunto sempre está voltando ao palco dos debates. Em Set/2002 o programa "Fantástico", da Rede Globo, fez uma reportagem sobre essa relíquia e no mês de Abr/2003 foi a vez da *Revista Galileu* trazer novamente à discussão esse polêmico assunto.

O autor da reportagem na *Galileu* demonstrou um jornalismo autêntico, sem tender para lado algum, apenas fornecendo as informações, para que o leitor tire suas próprias conclusões. Estamos fazendo questão de ressaltar essa atitude, pois o que normalmente se vê em reportagens é o jornalista colocar suas próprias ideias a respeito do assunto tratado, inclusive, muitas vezes sem ter uma base de dados consistentes para uma opinião crítica aceitável, agindo mais por "ouvi dizer" do que pelos fatos em si. Muitos não têm nem mesmo coragem de enfrentar as "instituições"; dizem mais o que agradam a elas, em detrimento da pura verdade.

Como os assuntos relacionados à Bíblia sempre nos interessam, fomos pesquisar para ver o que nela poderíamos encontrar sobre isso. Foi aí que deparamos com perguntas sem respostas.

Veja bem; os evangelistas Mateus (27,59), Marcos (15,46) e Lucas (23,52-53) relatam que José de Arimateia comprou um lençol e com ele envolveu o corpo de Jesus. Entretanto, João (19,40) já diz que foi envolvido em panos de linho com aromas, como os judeus costumavam sepultar, dando-nos a ideia de que foram vários panos, não apenas um. Esses panos eram longas e largas tiras de linho (A Bíblia Anotada, p. 1353), ou seja, eram faixas (Novo Mundo, p. 1257) não um lençol ou uma peça única.

Além da confirmação de ser duas peças de linho, vemos que o corpo de Jesus foi lavado. Ora, esse fato é importante, porque vem demonstrar a impossibilidade dele ter manchas de sangue, a não ser admitindo-se que o corpo tenha sido mal lavado.

Ao narrar os acontecimentos do dia da ressurreição João (20,4-7) relata-nos que os panos de linho estavam no chão e “o sudário que cobrira a cabeça de Jesus estava enrolado num lugar à parte”. Ora, isso nos prova que o sudário é uma peça que se usava para cobrir a cabeça do morto, não o corpo inteiro, como, geralmente, no-la apresentam.

No caso da ressurreição de Lázaro, João (11,44) nos informa que ele, o amigo de Jesus, saiu do sepulcro com os pés e mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário, coincidindo, portanto, com o que realmente era. O que podemos corroborar com Shimon Gibson:

A descrição de Lázaro saindo do sepulcro deixa claro que o tecido que cobria a sua cabeça (*soudarion*) era uma peça separada do sudário, constituído por faixas de tecidos (*Keiria*) que envolviam o corpo. Essa separação também está clara nos textos rabínicos:

Antigamente eram usados para descobrir o rosto dos ricos e cobrir o rosto dos pobres, pois o rosto ficava lívido após anos de privação e os pobres sentiam-se envergonhados; portanto instituíram que o rosto de todos deveria ser coberto, em deferência aos pobres. (Talmude babilônico, Mo'ed Katan, 27a).

(GIBSON, 2009, p. 44). (grifo nosso).

Portanto, tal indumentária não era um lençol, como estamos acostumados a crer, por informação dos teólogos; no máximo, seriam duas peças e não somente uma.

Nosso “Aurélio” define o Sudário como:

S.m.: 1. Pano com que outrora se limpava o suor; 2. Véu com que, na Antiguidade, se cobria a cabeça dos mortos; 3. Espécie de lençol para envolver cadáveres; mortalha; 4. Tela que representa o rosto ensanguentado de Cristo. (grifo nosso).

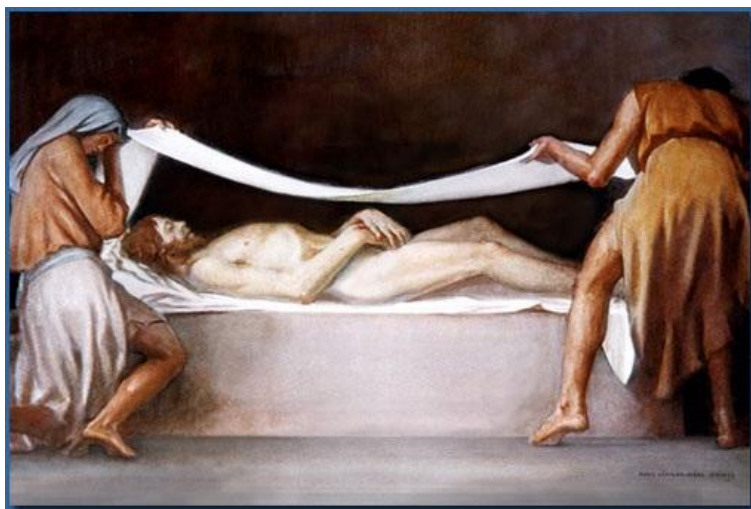
Ora, uma dessas definições, a de número 2, equivale exatamente à que encontramos constante do Evangelho pela narrativa de João, ou seja, pano que, na antiguidade, se cobria apenas a cabeça dos mortos.

Shimon Gibson, em *Os últimos dias de Jesus: a evidência arqueológica*, confirma-nos isso:

[...] Em todo o caso, o Santo Sudário consiste de um único lençol, que supostamente foi usado para cobrir o corpo inteiro (frente e costas), enquanto, como vimos, a evidência dos evangelhos mostra que Jesus recebeu um sudário separado para o corpo e outro tecido para cobrir a cabeça. Essa também era uma prática geral em todos os sepultamentos do século I, em parte, como vimos, para evitar que a pessoa colocada no sepulcro sufocasse, caso viesse a sobreviver. (GIBSON, 2009, p. 154). (grifo nosso).

Desse modo, podemos concluir que o Sudário era, na verdade, uma peça de pano (lençol de linho) que cobria apenas a cabeça do morto. Então, como o Sudário, atribuído a Jesus, possui todas as características de ter envolvido, de forma contínua, a frente e o verso do corpo (ver figura abaixo), totalmente, em desacordo com o costume daquela época? É o

que ainda ninguém conseguiu nos explicar.



E mais um pouco de lenha na fogueira: será que enterravam seus mortos sem lhes fazer nenhum tipo de asseio? No caso de Jesus, não se lavou o seu corpo antes de enterrá-lo? Se o corpo foi embalsamado, com mirra e aloés, para o sepultamento, obviamente deve ter sido lavado, fato que podemos confirmar com:

[...] Depois que retiraram Jesus do Gólgota, o sol começou a brilhar, comprovando que ainda eram seis da tarde. José, com a ajuda das mulheres, levou o corpo para uma carroça que tinha preparado e o conduziu até sua propriedade. Ali lavaram(43) o corpo, envolveram-no num lençol e o puseram no sepulcro.

43. Evangelho de Pedro, 24.

(PIÑERO, 2002, p. 126) (grifo nosso)

[...] Os mortos também eram ungidos: fazia parte de um procedimento de purificação que consistia em lavar o corpo com água, ungi-lo com óleo e envolvê-lo em uma mortalha. (GIBSON, 2009, p. 39). (grifo nosso).

[...] De acordo com o evangelho de Pedro (6:24), o corpo era lavado antes de ser envolvido em um sudário de linho.<sup>238</sup> Isso estava de acordo com o costume judaico de lavar o corpo do defunto em água – apoiado de forma que as impurezas da área dos pés não alcançassem outras partes do corpo – e depois ungi-lo com óleos e perfumes antes de ser por fim envolvido no sudário. [...].

238. Veja também a lavagem do corpo do morto de Tabitha, em Jaffa: Ato: 37.

(GIBSON, 2009, p. 152). (grifo nosso).

[...] Finalmente, o corpo de Jesus foi lavado e envolto em um sudário de duas peças de linho, e posto com especiarias em uma plataforma ou placa de pedra, dentro de uma tumba familiar cavada na rocha, logo fora das muralhas da cidade Velha de Jerusalém. [...] (TABOR, 2006, p. 25-27). (grifo nosso).

Assim, a lógica nos diz que a lavagem do corpo certamente não deixaria nenhum vestígio de sangue; então, como explicar as manchas de sangue no Sudário, na hipótese de ser ele verdadeiro?

Observar que o último autor citado, James D. Tabor, confirma que envolveram o corpo com duas peças de linho, o que ratifica o que concluímos anteriormente. Entretanto, esse autor, mais à frente, contradiz o que ele próprio afirmara sobre a lavagem do corpo de Jesus e a peça de linho:

A mãe de Jesus, Maria, e sua companheira, Maria Madalena, seguiram José e Nicodemos à tumba, fixando sua exata localização. Já não havia tempo para preparar o corpo de acordo com os costumes judaicos, que incluíam lavá-lo e ungi-lo, e passar vários tipos de especiarias e perfumes para controlar o cheiro da decomposição. José e Nicodemos simplesmente enrolaram o corpo em um pano de linho, e o colocaram em uma laje de pedra, que serviria como local de descanso temporário, entre o fim da tarde de quinta-feira, a Páscoa, na sexta, e o semanal Sabbath, no sábado. Fecharam a pequena entrada do túmulo com uma pedra, cortada à medida, para afastar os animais ou os desconhecidos que pudessem passar por ali. (TABOR, 2006, p. 240). (grifo nosso).

Já aqui, Tabor assevera que enterraram o corpo sem o lavar, por não haver tempo para esse procedimento e, quanto à peça de linho, dá a entender que foi somente uma, com a qual enrolaram o corpo. Ora, supondo-se que o tenham enrolado sem lavá-lo, é pouquíssima a probabilidade de que o pano não tenha se ensanguentado todo, porém, de forma totalmente disforme, fato que, julgamos, não possibilitaria aparecer uma imagem, como a que se vê, ainda que borrada.

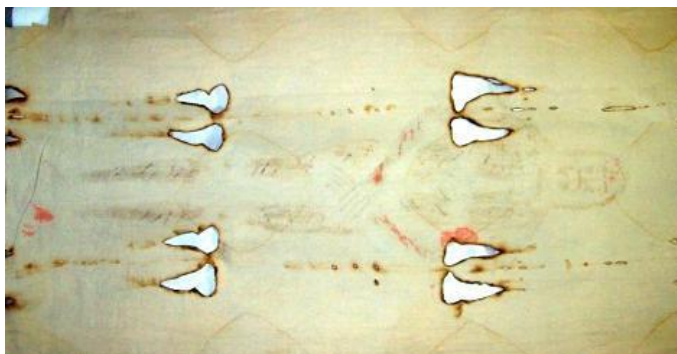
Por outro lado, ainda nessa mesma hipótese, ou seja, dele ser verdadeiro, como explicar, diante da cultura daquela época, que ele tenha sido intencionalmente guardado de modo a chegar até os nossos dias? Ora, "as mortalhas eram consideradas ritualmente impuras pelos judeus; não havia motivo, portanto, para que os discípulos as recolhessem" (MELO, 1997, p. 102). Ficar impuro, com certeza, era o que um judeu não queria de jeito nenhum, pois significava ser contrário aos preceitos religiosos. A lei mosaica considerava impuro todo aquele que viesse a tocar em cadáver humano, em ossos e em sepultura, etc. Assim, é muito pouco provável que, diante do rigor religioso daquela época, alguém se atrevesse a entrar no túmulo, onde Jesus estivera sepultado, para pegar sua mortalha, a fim de guardá-la como um importante objeto de recordação.

Talvez nos dias de hoje, algumas pessoas pudessem até aceitar isso como uma coisa normal, principalmente diante do fato de que ainda encontramos indivíduos que possuem o costume religioso de usar relíquias. A história registra, para vergonha de todos nós, que tempos atrás ocorreu a venda indiscriminada delas, como se elas fossem uma mercadoria qualquer, relegando a segundo plano a sua significação religiosa.

Ficam aí as nossas perguntas, aguardando uma resposta plausível dos teólogos; não dos fanatizados por sua religião, mas dos que buscam a verdade, onde quer que ela se encontre, mesmo que com isso tenham que contrariar conceitos ou dogmas estabelecidos.

É... parece-nos que a resposta veio dos cientistas e não dos teólogos como esperávamos. Leiamos o que foi recentemente publicado na mídia<sup>1</sup>:

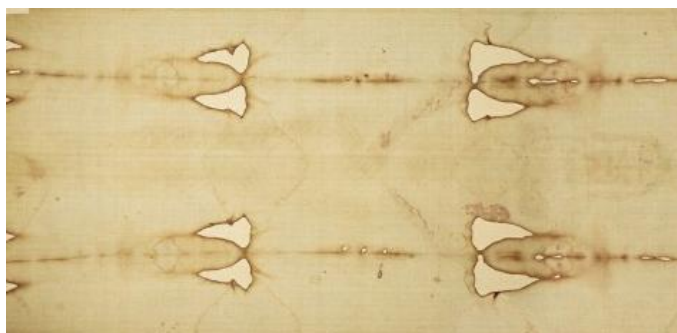
#### Cientistas recriam o Santo Sudário



Cientistas italianos afirmaram nesta segunda-feira ter reproduzido

<sup>1</sup> <http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1330516-5603,00.html>,  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u634163.shtml>,  
<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2009/10/05/cientista+italiano+reproduz+o+santo+sudario+8751921.html>,  
<http://noticias.terra.com.br/ciencia/noticias/0,,OI4022761-EI238,00-Cientista+italiano+diz+ter+reproduzido+o+Santo+Sudario.html>, entre outros sites na Internet.

o **Santo Sudário**. Segundo Luigi Garlaschelli, professor de Química Orgânica da Universidade de Pavia e responsável pela recriação do manto que teria envolvido o corpo de Jesus Cristo, o feito pode ser considerado uma prova de que o Sudário é uma farsa.



"Mostramos que é possível reproduzir algo que tem as mesmas características do Sudário", disse Garlaschelli. O manto, considerado pelos católicos um símbolo do sofrimento de Jesus, tem a imagem de um homem crucificado, com rastros do que seria sangue escorrendo de feridas nas mãos e nos pés. As imagens teriam sido gravadas nas fibras por algum meio sobrenatural, durante a ressurreição de Cristo.

Garlaschelli explicou ao jornal italiano *La Repubblica* que sua equipe usou linho tecido com as mesmas técnicas utilizadas no sudário e envelhecido artificialmente por aquecimento em um forno. Os cientistas, então, colocaram o pano sobre um estudante que usava uma máscara para reproduzir o rosto, e esfregam o tecido com um pigmento vermelho muito usado na Idade Média. O processo consumiu uma semana, disse o jornal.

O Santo Sudário apareceu ao mundo em 1360, nas mãos de um cavaleiro francês. Ele se tornou propriedade do Vaticano, que o guarda em câmara especial da Catedral de Turim. O manto raramente é exibido ao público. A última apresentação foi no ano 2000, quando atraiu mais de 1 milhão de visitantes. A próxima está prevista para 2010. [De fato entre 10 de abril a 23 de maio isso aconteceu. (Estadão)]

O grupo afirma, em nota, que se trata de mais uma evidência de que o sudário é uma falsificação produzida na Idade Média. Em 1988, pesquisadores usaram datação por radiocarbono para determinar que a relíquia havia sido produzida no século XIII ou XIV. (Fonte: <http://veja.abril.com.br>). (grifo nosso)

Será que já estamos chegando ao ponto final sobre esse polêmico assunto?

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
Abril/2003.  
(revisado jan/2011).

#### Referências bibliográficas:

- A Bíblia Anotada, Mundo Cristão, São Paulo, 1999.  
Bíblia de Jerusalém, Paulus, São Paulo, 2002.  
Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, STVBT, Cesário Lange, SO, 1986.  
Programa Fantástico de 15/set/2002, Rede Globo de Televisão.  
GIBSON, S. *Os últimos dias de Jesus: a evidência arqueológica*. São Paulo: Landscape, 2009.  
KENYON, J. D. (org). *O que a Bíblia Não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião oriental*. São Paulo: Pensamento, 2008.  
MELO, F. G. *Reencontro Cristão: Reflexões para o Cristianismo do Terceiro Milênio*, Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

NISBET, J. Uma falha em O código da Vinci: a capela de Rosslyn de Dan Brown estaria onde ele diz que está?, p. 160, in. KENYON, J. D. (org). *O que a Bíblia Não nos contou: a história secreta sobre as heresias da religião oriental*. São Paulo: Pensamento, 2008, p. 157-165.

PIÑERO, A. *O outro Jesus segundo os evangelhos apócrifos*, São Paulo: Mercury, 2002.

TABOR, J. D. *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Revista Galileu, nº 141, Abril/2003, Ed. Globo.

<http://veja.abril.com.br/noticia/variedades/cientistas-criam-santo-sudario-503493.shtml>, acesso em 18.10.2009, às 18:03hs.

Imagem do Sudário: <http://t0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQ-rGsZNhCEQJg1fKG1sEA5UxYfHFBDmoaWPdFXbROw3be7IB98>, acesso em 24.11.2010, às 10:09hs.

<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,mais-de-1-milhao-fazem-reservas-para-ver-o-sudario-de-turim,512424,0.htm>, acesso em 05/12/2010.